

DIRETORES
Antônio Carlos Coutinho Nogueira
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho

CONSELHO EDITORIAL
Antônio Carlos Coutinho Nogueira,
Ciro Porto, Ivan Szizma,
José Bonifácio Coutinho Nogueira Filho,
Liana John, Paulo Nogueira-Neto,
Sérgio Salvati, Suzana Machado Pádua

DIRETOR EDITORIAL
Ciro Porto

EDITORES EXECUTIVOS
Liana John
Valdemar Sibinelli

EDITORES
Luiz Figueiredo
Maraisa Ribeiro
Raul Dias Filho

EDITOR DE ARTE
Matheus Jeremias Fortunato

ARTE E PRODUÇÃO GRÁFICA
Matheus Jeremias Fortunato
Renato Munhoz

FOTOGRAFIA
Adriano Gambarini, Alvaro Migotto,
Carlos Alberto Coutinho, Dú Zuppani,
Edson Endrigo, Geiser Trivelato, Haroldo Palo Jr.,
João Prudente, Lena Trindade, Silvestre Silva

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO
Christopher Wells, Daniela Mattiaso,
Henrique Picarelli, Luiz Prado,
Martin Senior, Teodoro Santos

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Ciro Porto (Mtb 20.414)

ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
DIRETOR
Sérgio Eduardo Santos

GESTÃO COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Regiane Eliza Bigon

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO NO BRASIL
Fernando Chinaglia

IMPRESSÃO
Globo Cochrane

CAPA
Carlos Alberto Coutinho
Espécie retratada:
Onça-parda (*Puma concolor*)

PARA ASSINAR
TMKT - 0800 703 3788
terra.dagente@tmktbrasil.com.br

PARA ANUNCIAR
São Paulo: (11) 3776.6535
Minas Gerais e Espírito Santo:
(31) 2126.8080 ou 9144.8494
Rio de Janeiro e Amazonas:
(21) 2553.0737 ou 9962.0913
Belo Horizonte: (61) 3219100 ou 9994.6262
Rio Grande do Sul:
(51) 3388.7712 ou 9113.6199
Paraná: (41) 339.4848 ou 9111.8009
e-mail: terra.dagente@terra.dagente.com.br

REVISTAS ATRASADAS
(11) 3776 6507



A revista Terra da Gente é
uma publicação mensal
da Empresa Regional de
Comércio Eletrônico Ltda,
uma empresa do Grupo EPTV

DEDO DE PROSA

A invasão invisível

LIANA JOHN



Uma das principais causas de perda de biodiversidade, hoje, em todo o planeta, são as espécies invasoras: seres que ao longo de milhões de anos evoluíram num determinado ambiente, numa delicada relação de equilíbrio e competição com seus vizinhos, e num 'belo dia' foram artificialmente transferidos para outro ambiente, tornando-se uma ameaça, na sua nova 'morada', aos animais e plantas lá residentes. Tais espécies não se tornam invasoras porque são 'más', mas porque estão fora de lugar. Longe de 'casa' lhes faltam parasitas ou predadores e sua população cresce descontrolada.

Já tratamos desse assunto aqui na Terra da Gente, na reportagem "Isso é uma invasão!" (novembro de 2004). Porém, a aprovação no Congresso Nacional, em 2 de março último, da Lei de Biossegurança e sua consequente sanção, pela Presidência da República, em 24 de março, nos faz retornar ao tema. Da forma como foi editada, a nova lei expõe a biodiversidade brasileira a uma invasão potencialmente muito pior do que a das espécies exóticas. Pior porque invisível, já que ocorre a nível genético.

Assim como cada espécie evoluiu ao longo de milhões de anos, adaptando-se a seu hábitat, também evoluiu a relação entre espécies. Cada planta, cada animal tem seus parasitas, seus predadores, suas presas e algumas chegaram a co-evoluir de maneira muito especial, construindo relações fantásticas de cooperação, como a simbiose, em que uma espécie alimenta ou abriga a outra em troca de favores como defesa ou limpeza. E, o mais impressionante, isso acontece com espécies tão diferentes como uma bactéria e uma planta ou insetos e aves!

Pois bem, o DNA de cada espécie é o código que resume os bons resultados da evolução, incluindo as relações de cooperação ou competição com outras espécies. O DNA comanda o metabolismo de plantas que recorrem a substâncias químicas para se defender de parasitas, por exemplo. Ou a capacidade de algumas algas resistirem ao frio ou ao calor extremo. Ou a imunidade de alguns a doenças devastadoras para outros.

Há muito tempo, o homem aprendeu a melhorar ou domesticar plantas e animais que lhe interessam, promovendo o 'casamento' dos melhores indivíduos de uma mesma espécie. Sem mexer no DNA. Sem mexer no código que regula as relações entre espécies, estabelecidas ao longo de milhões de anos de evolução. A partir do momento em que as pesquisas ultrapassaram a barreira do DNA e misturaram genes de uma espécie com outra, inventou-se a possibilidade da tal invasão invisível. Sobre tudo porque os novos seres - chamados de organismos geneticamente modificados ou transgênicos - foram feitos para serem disseminados nos campos, onde as chances de controle são insignificantes, em comparação aos ambientes fechados dos laboratórios.

Ao entregar a uma dúzia de pessoas o poder de decidir sobre a liberação do uso de transgênicos em território brasileiro, o Congresso Nacional e o Presidente da República tiraram do resto da população o direito de perguntar quais as consequências do uso de transgênicos para nossa biodiversidade. Com os transgênicos nos campos, como vão funcionar os códigos de reconhecimento entre espécies? Em que serão alteradas as relações entre predadores e presas, parasitas e hospedeiros, entre simples concorrentes? Serão os genes 'transferidos' capazes de se fixar em outras plantas e animais, que não os escolhidos pelo homem? As características transgênicas serão transmitidas nos processos de polinização?

Essas e milhares de outras perguntas foram feitas por conservacionistas. E porque elas ainda não têm resposta é que se evocava o tal Princípio de Precaução, cujo objetivo é evitar que a sociedade tome um caminho sem volta antes de conhecer as consequências de sua opção. Agora, em nome do progresso, já não temos direito nem às perguntas, nem às respostas e nem à precaução. Vamos sentar e aguardar a invasão invisível, torcendo para que um dia tenhamos tanto empenho em buscar um remédio para a perda de biodiversidade como têm nossos políticos para defender essa corrida sem freios em busca de um mercado de curto prazo